



AS ARTES DE DIZER DA PESSOA SURDA EM UMA FAMÍLIA DE OUVINTES

EL ARTE DEL DECIR DE LA PERSONA SORDA EN UNA FAMILIA OYENTE

Maria José Lima de Souza¹
Ednéia Bento de Souza Fernandes²
Michela Araújo Ribeiro³
Suziane Viriato de Araújo⁴

RESUMO

Esta pesquisa é um estudo de caso sobre as estratégias de comunicação de uma surda que não sabe Libras em uma família de ouvintes, na cidade de Guajará-Mirim. O referido estudo buscou identificar os sinais caseiros, entendidos como sinais-nome enquanto estratégias de comunicação de uma pessoa surda que nasceu em família de ouvintes. O presente trabalho teve como objetivos: registrar os sinais que nomeiam os integrantes da família, bem como, outros seres animados e inanimados presentes nesse convívio; identificar a percepção da família sobre uma pessoa familiar que é surda; e relacionar os dados com as teorias linguísticas e culturais valorizando as estratégias de comunicação entre família e parente surdo. Os resultados demonstraram que os sinais caseiros correspondem aos mesmos parâmetros já identificados na Libras através de estudos linguísticos capazes de expressar a cultura e os hábitos familiares.

¹ Egressa do Curso de Letras, do Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem (DACL), da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus Jorge Vassilakis em Guajará-Mirim. E-mail:

² Tradutora e Intérprete de Libras da Universidade Federal de Rondônia. Doutoranda do Curso de Linguística PPGL UNEMAT. E-mail: edneia.fernandes@unir.br

³ Professora Mestra, Curso de Letras, do Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem (DACL), da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus Jorge Vassilakis em Guajará-Mirim. E-mail: michela@unir.br

⁴ Egressa do Curso de Letras, do Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem (DACL), da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus Jorge Vassilákis em Guajará-Mirim. Bolsista Tradutora e Intérprete de Libras na Universidade Federal de Rondônia. Email: suzianeviriato16@gmail.com

AS ARTES DE DIZER DA PESSOA SURDA EM UMA FAMÍLIA DE OUVINTES

Palavras-chave: Cultura Surda. Nomeação em Línguas de Sinais. Onomástica.

RESUMEN

Esta investigación es un estudio de caso sobre las estrategias de comunicación de una mujer sorda que no conoce Libras en una familia oyente, en la ciudad de Guajará-Mirim. Este estudio buscó identificar las señas del hogar, entendidas como señas nominativas como estrategias de comunicación de una persona sorda que nació en una familia oyente. El presente trabajo tuvo como objetivos: registrar los signos que nombran a los miembros de la familia, así como a otros seres animados e inanimados presentes en esta convivencia; identificar la percepción de la familia sobre una persona familiar sorda; y relacionar datos con teorías lingüísticas y culturales, valorando estrategias de comunicación entre familia y pariente sordo. Los resultados mostraron que los signos del hogar corresponden a los mismos parámetros ya identificados en Libras a través de estudios lingüísticos capaces de expresar la cultura y hábitos familiares.

Palabras clave: Cultura Sorda. Denominación en Lenguas de Signos. Onomástico.

1. ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

1.1 Um pouco de mim

Meu nome é Maria José Lima de Souza, sou natural de Coreaú, Estado do Ceará e vim para Rondônia ainda criança com a minha família e nos estabelecemos em Guajará-Mirim, onde cresci e resido até os dias de hoje. Tenho dois filhos. Sou funcionária pública da Rede Municipal de Ensino, a Prefeitura de Guajará-Mirim.

Ao longo de minha vida acadêmica, enfrentei inúmeros desafios, dentre eles a falta de saúde. Enfrentei também, o desafio do estudo remoto, devido às aulas presenciais terem sido interrompidas por causa da pandemia da Covid-19, como eu não tinha tecnologia favorável para assistir as aulas e nem conhecimentos sobre tecnologia que me oportunizasse avançar nesse trabalho.

Esses acontecimentos trouxeram novas experiências que me possibilitaram repensar as dificuldades em torno da linguagem, momento em que me dei conta da importância da comunicação na vida do ser humano, de modo que pude me colocar no lugar da minha irmã, Josineide, que é surda e enfrentou dificuldades em seu processo de socialização na vida familiar.

AS ARTES DE DIZER DA PESSOA SURDA EM UMA FAMÍLIA DE OUVINTES

Com base nessa problemática, pretendo produzir dados a partir dos sinais caseiros utilizados por minha irmã, na interação familiar.

Minha irmã Josineide atualmente tem com 50 anos de idade. Infelizmente não adquiriu muitos conhecimentos durante os anos escolares devido a carência de profissionais capacitados para esse fim.

Nos últimos anos mudou-se para Porto Velho, onde aprendeu Libras e, atualmente, faz parte da comunidade surda, de modo que esses sinais caseiros são herança do nosso convívio familiar, já que não aprendemos a Libras.

O tema deste estudo se reveste de importância para mim, pois busca elementos em minha própria vida para desenvolver meu TCC perpassando pelas práticas sociais de linguagem com fins à comunicação.

1.2 O ato de pesquisar e como realizei a pesquisa

Pesquisar, de acordo com Serrano (2011), é uma ação que se aprende e que exige a aplicação de conhecimentos e habilidades.

Uma pesquisa, portanto, exige métodos claros, coerentes e bem planejados para que os resultados sejam confiáveis e apresentem contribuições à ciência e à sociedade.

Dito isso, apresentamos a caracterização deste estudo, resumidamente parte da seguinte questão: Como a pessoa surda nomeia pessoas e objetos no estabelecimento de comunicação com a família sem o aprendizado da Libras?

Assim, temos como objetivo geral para o desenvolvimento desta pesquisa, identificar as estratégias de comunicação de uma pessoa surda que nasceu em família de ouvintes.

Como objetivos específicos temos:

- Registrar os sinais que nomeiam os integrantes da família, bem como outros seres animados e inanimados presentes nesse convívio.
- Identificar a percepção da família sobre uma pessoa familiar que é surda
- Relacionar os dados com as teorias linguísticas e culturais valorizando as estratégias de comunicação entre família e parente surdo.

AS ARTES DE DIZER DA PESSOA SURDA EM UMA FAMÍLIA DE OUVINTES

1.3 Caracterização geral da pesquisa

A presente pesquisa, quanto à natureza, se classifica como aplicada, cujo a a investigação aplicada tem por objetivos, “gerar novos conhecimentos” e “resolver problemas, inovar ou desenvolver novos processos e tecnologias” (PAIVA, 2019, p. 11).

Aqui, fazemos uso de teorias e métodos já consagrados no âmbito dos estudos lexicais em Libras – como Taub (2001), Barros (2018), Sousa (2021; 2022), e aplicamos na análise dos dados selecionados, que constituem uma fonte primária de investigação, pois são “dados produzidos e coletados pelo próprio pesquisador” (PAIVA, 2019, p. 11-12), em trabalho de campo junto a familiares, direcionado por entrevista semiestruturadas sobre a temática.

Quanto à abordagem, nosso estudo se caracteriza como qualitativo pois, de acordo com Triviños (1987), a pesquisa qualitativa trabalha os dados analisando seu significado, buscando perceber o fenômeno dentro de um determinado contexto.

Também pretendo produzir registros dos sinais caseiros, aqui tratados, como sinais-nome, criados por pessoa surda que, em família de ouvintes, não usam a língua de sinais, propondo uma reflexão e identificação sobre as características estruturais e semânticas dos sinais-nome dessas pessoas.

Assim, pode-se afirmar, que nosso estudo está inserido na Linguística, no encontro de duas subáreas: a Lexicologia e a Semântica. O fenômeno linguístico escolhido é a criação e registro dos sinais-nome.

Desta forma, destacamos que esta pesquisa se identifica como estudo de caso de caráter exploratório, por proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses (GIL, 2007). Classificando-se como documental, pois utiliza “materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, na criação de material para análise ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 1991, p. 47).

Nesse sentido, faremos inferências resumidas sobre este aspecto dos sinais a serem analisados. De modo que nossa atenção está concentrada prioritariamente nos registros dos sinais-nome.

AS ARTES DE DIZER DA PESSOA SURDA EM UMA FAMÍLIA DE OUVINTES

2 A FAMÍLIA NA VIDA DA PESSOA SURDA

A família é o primeiro contato da criança com o mundo, muito antes que a criança seja inserida nos contextos de interação comunitárias e educacionais, é na família que são construídos os pilares das identidades individuais dos sujeitos, juntamente com os valores éticos e morais.

Ao nascer⁵, o sujeito surdo é “recebido” por uma sociedade majoritária ouvinte, que vivencia emoções e expectativas inesperadas, diante do fato de ter que aceitar a surdez de uma criança.

Nesse contexto, a emergência do novo, auxilia a família a buscar novas formas de projetar a rotina e a vida futura em família. O novo revitaliza a potencialidade criativa da comunicação humana.

Então, essa é considerada uma percepção positiva diante do desafio de preparar o sujeito surdo para uma vida social em contextos comunitários e educacionais através do aprendizado e da valorização das línguas de sinais, das artes visuais e do apoio pedagógico necessário para o desenvolvimento da criança surda.

Por outro lado, também existem os encontros entre familiares e crianças surdas sob uma ótica negativa. É um momento delicado para a família, pois, mesmo recebendo a criança, amando e cuidando, desenvolve uma postura crítica negativa sobre as potencialidades do sujeito surdo.

Esta fase da relação familiar é um período definido como luto, atribuindo ao fato à surdez, um sentimento trágico, que os impossibilita de perceber que os surdos podem vencer as barreiras impostas pela sociedade e conseguem se desenvolver mediante os recursos linguísticos e pedagógicos adequados.

Sobre o luto na vida da pessoa surda, podemos perceber no filme “Seu nome é Jonas”⁶ história de um menino surdo que foi internado em um sanatório sendo

⁵ Empregamos o conceito de nascimento como a emergência do novo de Arendt (2014), para dar visibilidade às relações que o nascimento de um surdo estabelece para os membros da família, majoritariamente ouvintes.

⁶ Depois de passar três anos em uma instituição para deficientes intelectuais, menino tem diagnóstico de que possui apenas surdez e assim família busca aprender a se comunicar usando a língua de sinais. Filme baseado em fatos reais dirigido por Richard "Dick" Michaels no ano de 1979. <https://www.youtube.com/watch?v=pc8mM0DHRB4>

AS ARTES DE DIZER DA PESSOA SURDA EM UMA FAMÍLIA DE OUVINTES

considerado um deficiente mental por dois anos, até descobrirem que seu caso era surdez, fato que diminuiu, mas não eliminou as dificuldades de aceitação na família.

Segundo Sá (2012) a sociedade ouvinte apresenta certa dificuldade de ver citada a evidência de que os surdos surgem aleatoriamente nas sociedades humanas, e afirma que o não reconhecimento desse fato ativa na família ou na sociedade estigmas e preconceitos sobre os surdos.

Nesse sentido, o papel da família vai muito além da definição do que seja um grupo de pessoas que compartilham experiências de vida dentro de um mesmo espaço físico.

Segundo o autor Scott (2001), o termo família é:

Um ponto de estabelecimento de alianças entre grupos; um ponto de definição da filiação e pertença ao grupo; um ponto de negociação de gênero e a referência para o estabelecimento de relações entre gerações. É um local de afirmação de reciprocidade e da hierarquia, simultaneamente. (SCOTT, 2001, p.96).

Desse modo, a família é uma essência da afirmação de valores, costumes, tradições, de reciprocidade, de amor e hierarquia.

É através da comunicação que o indivíduo interage, participa, convive, se molda dentro da família e, posteriormente, perante a sociedade.

Neste contexto, há uma necessidade de transformar a comunicação oral para a comunicação visual, o que gera certo desconforto aos que não reconhecerem os gestos como atos de comunicação e a Libras como língua.

É importante entender o que é a surdez e o que é o surdo, para oportunizar um tratamento coerente ao sujeito surdo, que não precisa ser visto e tratado como alguém com deficiência em si.

Quadros (2002) “esclarece que a deficiência não é um problema da pessoa que a tem, mas sim de quem a vê”, que envolve preconceito e aceitação da condição da pessoa com surdez, que necessita ser compreendida e acolhida por parte de todos do círculo familiar do indivíduo, que ele necessita do estabelecimento de elos afetivos e comunicativos, que auxiliem na superação dos limites de cada um, para construir verdadeiramente a inclusão no ambiente familiar, ou seja, valorizar as pessoas no seu modo de ser.

AS ARTES DE DIZER DA PESSOA SURDA EM UMA FAMÍLIA DE OUVINTES

3 A LINGUÍSTICA E OS SINAIS CASEIROS

A Libras é reconhecida como a língua de sinais das comunidades surdas dos grandes centros do Brasil, esta língua é resultado da fusão da língua de sinais dos surdos do Rio de Janeiro e da língua de sinais francesa (LSF), utilizada pelo professor surdo Eduard Huet no século XIX no ensino de surdos brasileiros e no treinamento de professores para a educação de surdos.

Desde a fundação do Instituto Imperial de Surdos Mudo no Brasil hoje reconhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) esta língua se consolidou na educação de surdos no Rio de Janeiro.

Desde o ano de 2002 através da lei 10.436 a vem ganhando espaço em outras regiões do Brasil através de políticas públicas para assegurar a educação de surdos, de materiais visuais distribuídos pelo MEC, de cursos de formação de Tradutores e Intérpretes, Licenciaturas em Letras-Libras e de modo mais intensivo nas redes sociais e conteúdos de domínio público na internet.

Os surdos que desconhecem a Libras, inicialmente se utilizam de sinais caseiros, e à medida que esses sinais vão ganhando espaço na família ou na comunidade também assumem maior nível de elaboração pelos surdos de modo que muitos pesquisadores denominaram esses fatos como Línguas Emergentes.

O fato que a Libras ao ser reconhecida como língua, a torna objeto de estudo de linguistas.

Diante dessa constatação pesquisadores surdos e ouvintes têm se debruçado em pesquisas que identificaram que, os sinais criados em família ou comunidades isoladas na comunicação com integrante surdo, se, utilizados como meio intenso de comunicação, assumem o mesmo nível de complexidade das demais línguas de sinais.

As línguas de Sinais Emergentes no Brasil são manifestações comunicacionais entre surdos localizados em pequenas comunidades distantes dos centros urbanos. De modo que nos aproximamos dessas propostas de pesquisas para pensarmos sobre as práticas de linguagem produzidas pelas comunidades surdas isoladas como é o caso de alguns surdos aqui em Guajará-Mirim.

AS ARTES DE DIZER DA PESSOA SURDA EM UMA FAMÍLIA DE OUVINTES

Esse é um estudo relevante, porque lança luz sobre as línguas de sinais emergentes em Guajará-Mirim, possibilitando pensar sobre ela como elemento de mediação para o ensino de Libras e da língua portuguesa na modalidade leitura e escrita.

Os pesquisadores voltados para esta temática se dividem entre surdos e ouvintes, onde, a pioneira nessa área foi a professora surda indígena Shirley Vilhalva (2012) localizada na região do município de Dourados – MS, que mapeou os sinais emergentes utilizados pelas comunidades surdas indígenas para se comunicar com a tribo Guarani/Kaiowá e Terena, seu foco pautou-se em registrar a existência de indígenas surdos e os sinais que eram compartilhados por eles.

No Amazonas temos Marlon Jorge Silva de Azevedo (2015) que pesquisou os indígenas da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins. Este pesquisador elenca na sua pesquisa, os direitos linguísticos assegurados aos indígenas e o reconhecimento da Libras como caminhos para pensar em garantias linguísticas aos surdos indígenas de Sateré-Mawé em uma perspectiva sociolinguística.

Estes dois pesquisadores surdos fizeram mapeamento e registros linguísticos dos sinais utilizados pelos respectivos surdos indígenas. Há também pesquisadores ouvintes que vão pelo mesmo caminho dos surdos.

Pereira (2013), mapeou sinais na comunidade de Jaicós, povoado de Várzea Queimada, onde identificou uma língua de sinais emergente batizada com Cena. Esse estudo é muito relevante ao assumir proporcionar registros para pesquisas voltados também para a linguística tradicional, nos estudos sobre a fonética, fonologia, morfologia e sintaxe.

Pesquisar língua de sinais sob a perspectiva da linguística tradicional permite coletar e produzir um significativo número de dados sem negligenciar elementos que podem ser abordados posteriormente, como as interações interculturais, posto que é uma língua compartilhada por surdos entre sua família e/ou comunidade.

À seguir vamos tratar especificamente sobre a onomástica, ramo da linguística que nos impele nessa pesquisa.

AS ARTES DE DIZER DA PESSOA SURDA EM UMA FAMÍLIA DE OUVINTES

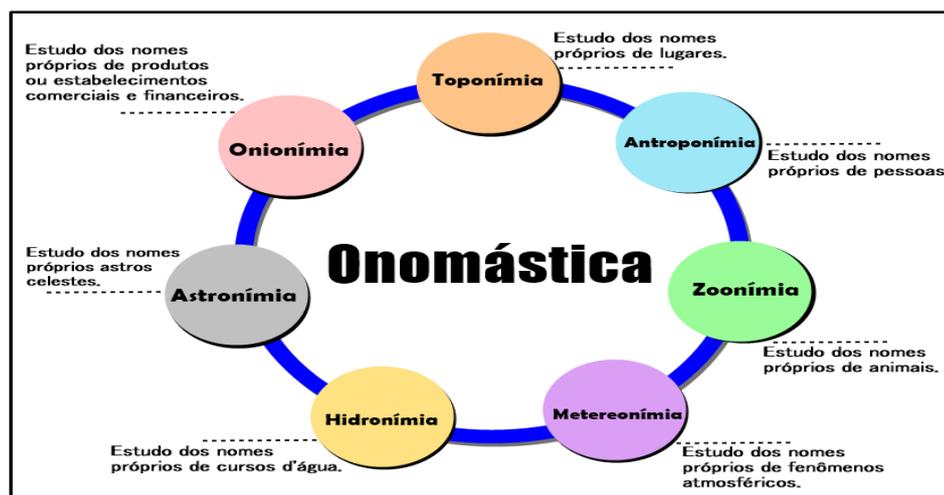
3.1 Onomástica e Antroponímia em Libras

A Onomástica está localizada entre os estudos do léxico, sendo uma disciplina voltada para pesquisas linguísticas acerca dos nomes próprios em geral (DICK, 1990).

De acordo com Sousa (2021), essa disciplina tem a tradição de atribuir o estudo onomástico apenas aos estudos dos nomes próprios de pessoas e lugares, porém o autor afirma que essa área abrange é muito mais abrangente.

Utilizando uma ilustração desenvolvida pelo autor apresentamos a imagem abaixo que visualmente nos dá dimensão dos campos de estudo da Onomástica. Bem como, o ato de nomeação de seres e coisas, também é amplo e diversificado.

Figura 1- Onomástica



Fonte: Sousa (2021, p. 16).

Nesta demonstração, Sousa (2021) confere que os estudos da Onomástica estão relacionados com fenômenos conhecidos e descritos pelos homens em suas atividades culturais, sociais, econômicas e científicas.

O ato de nomear entre as comunidades surdas é usualmente chamado de batismo, ou seja, os surdos nomeiam através de sinais pessoas, lugares, animais, objetos etc. Esse ato é neste estudo objeto de pesquisa pois pretendo registrar e fazer uma análise superficial sobre a relação cultural dos surdos com a Onomástica.

AS ARTES DE DIZER DA PESSOA SURDA EM UMA FAMÍLIA DE OUVINTES

4 MOTIVAÇÃO E ICONICIDADE

Ferrarezi Jr. (2019) afirma que a Semântica é a subdivisão da linguística que estuda o significado.

O estudo dos nomes presentes nos léxicos das línguas, sejam próprios ou comuns, tem uma importância muitas vezes negligenciada. Se as línguas funcionam como “depósitos” naturais de conhecimento humano – depósitos de cultura – e se percebemos esses depósitos culturais essencialmente nos nomes dos referentes, entendemos o porquê dessa afirmação (FERRAREZI JR., 2019, p. 111).

O autor divide os nomes de uma língua em dois grandes grupos: os nomes cuja motivação podem ser recuperada e os nomes cuja motivação não pode ser recuperada. Aqueles que possuem motivação reconhecida, “[...] parecem ter motivações de duas origens distintas: uma origem extralinguística e mais complexa e outra meramente linguística, sistêmica e previsível na própria gramática da língua” (FERRAREZI JR., 2019, p. 112).

Como bem destaca o autor, há nomes que não possuem uma motivação reconhecida (em português, temos “mesa”, “cadeira”, “touro” etc.; em Libras, temos os sinais TER e CONVERSAR, por exemplo) e com motivação reconhecida. Nesse último caso, a motivação pode ser extralinguística (como no caso, em português, das metáforas: ex: Ele é fogo!; ou, em Libras, o sinal ÁRVORE) ou sistêmica (como ocorre, em português, com as palavras derivadas “goiabada”, “cocada” – que são formadas por processos de natureza gramatical; ou, em Libras, com os sinais SENTAR, que é derivado do sinal CADEIRA).

Ferrarezi Jr. (2019) inclui, entre os nomes formados por natureza extralinguística aqueles que possuem natureza icônica, “baseada em características imitáveis dos referentes” (FERRAREZI JR., 2019, p. 112).

A iconicidade, de modo especial, nos interessa para o presente estudo, uma vez que, como afirma Perniss (2007), a iconicidade participa da estrutura das línguas de sinais. Sousa (2019; 2022) destaca que, no caso dos nomes próprios, a iconicidade é muito presente na criação dos sinais em Libras.

Martins (1991) destaca que o nome próprio é mais que um signo linguístico, “ele é um texto” (MARTINS, 1991, p. 11), o que Ferrerezi Jr. (2019) concorda quando

AS ARTES DE DIZER DA PESSOA SURDA EM UMA FAMÍLIA DE OUVINTES

afirma que os nomes devem ser estudados do ponto de vista enunciativo e cultural. Para Martins (1991):

Sem dúvida, o nome, antes de mais nada, é uma palavra que tem um cunho bastante peculiar. Isto exige que focalizemos o nome próprio dentro de um contexto maior, a fim de permitir que entremos no mundo do nome próprio com alguns conceitos essenciais. Não podemos aceitar a ideia simplória e cartesiana de que o nome é somente um sinal que marcaria o outro (MARTINS, 1991, p. 11).

E em outro momento o autor, tomando uma visão psicológica, afirma: “o nome próprio é motivado” (MARTINS, 1991, p. 32). E a motivação se dá, entre outros, por fatores de ordem cultural (SOUSA, 2019; 2021; 2022). Ferrarezi Jr. (2008) explica que o estudo semântico relaciona-se “com os fatos culturais representados pela língua natural” (FERRAREZI JR., 2008, p. 22).

Por esse entendimento podemos afirmar que os nomes próprios nas línguas de sinais também estão relacionados a uma motivação psicológica e a fatos de ordem cultural, demandando um ponto de vista semântico para compreensão mais ampla da nomeação de pessoas em Libras.

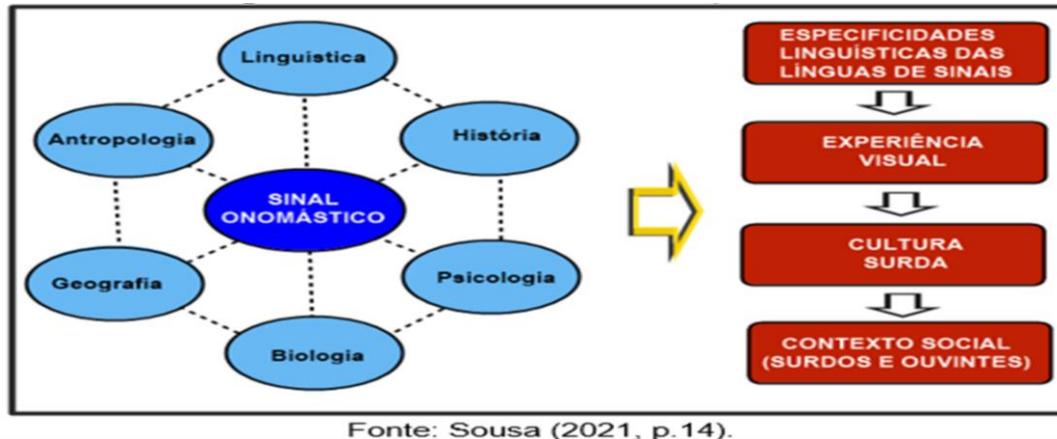
4.1 Como nomeamos?

Nomeamos e particularizamos “coisas” sobre as quais temos o poder cognitivo por meio de ações de significar para identificar, categorizar, delimitar e singularizar tanto em línguas orais quanto em língua de sinais.

Para esse fim o nomeador (SOUSA, 2017) se utiliza de elementos internos e externos da língua com o objetivo de refletir e expressar no que foi designado, a realidade cultural assimilada pela vivência em sociedade. Sendo assim não podemos interpretar os dados da pesquisa sem considerar outras áreas do conhecimento que contribuem para a ampliação do olhar sobre os dados.

AS ARTES DE DIZER DA PESSOA SURDA EM UMA FAMÍLIA DE OUVINTES

Figura 2- Onomástica e a interdisciplinaridade



A pesquisa onomástica dialoga com outras ciências no intuito de abarcar toda rede de sentidos construída pelo nomeador em sua ação de nomear. Neste caso estamos tratando de sinais-nome criados por uma surda que não se utiliza da Libras em uma família de ouvintes, de modo que sendo eu uma pessoa que conhece e conviveu os contextos da infância, adolescência e parte da vida adulta conheço a cultura familiar de modo a poder identificar nos sinais o sentido pretendido pela pessoa surda (minha irmã, Josineide).

A cultura familiar compreende as pessoas que integram a família, os valores, costumes, lugares de trabalho, cômodos, utensílios, alimentos e histórias da família para interpretar os sinais em suas relações com as especificidades linguísticas da Libras e sua relação com a experiência visual da pessoa surda, da cultura surda e do contexto social dos ouvintes.

5 SINAIS CASEIROS/SINAIS EMERGENTES

Os registros dos sinais caseiros ou emergentes apresentam os mesmos parâmetros fonéticos da Libras: Configuração de mão, localização, movimento, direcionalidade da palma da mão e expressões faciais isso não significa que cada sinal obrigatoriamente tenha que corresponder a todas as 5 unidades mínimas da Libras, mas que os sinais-nome aqui registrados todos apresentam a configuração de mão correspondendo a forma como a mão é posicionada.

AS ARTES DE DIZER DA PESSOA SURDA EM UMA FAMÍLIA DE OUVINTES

Quanto ao movimento, alguns requerem movimento e outros não, como é o caso do sinal-nome da mãe que é representado pela máquina de quebrar castanha instrumento de trabalho da mãe, nesse contexto percebemos o elemento social e cultural envolvido na produção do sinal pois apresenta a matéria prima base da economia familiar, a mãe como participante na atividade de mantenedora da família.

Outro sinal que requer movimento é o de farinha, geralmente os surdos entre si dão ênfase à visualidade do objeto na criação do sinal, porém Josineide apresenta uma interpretação na criação do sinal-nome farinha usando no contexto familiar que é compreender que dificilmente todos os integrantes da família compreenderiam de imediato, de modo que a estratégia para criação de um sinal-nome rapidamente compreensível seria atentar para o lugar onde o objeto é guardado e para a posição e movimento do corpo na atividade de alcançar e pegar o objeto.

Todos os sinais-tem uma localização específica para acontecerem no olho, no espaço neutro à frente do corpo e acima da altura da cabeça. Todos os sinais também apresentam a direcionalidade da palma da mão, como por exemplo o sinal pai e avô. O sinal avô apresenta a palma da mão para dentro, na direção do olho, já o sinal de pai a palma da mão está virada para fora.

As expressões faciais são percebidas no sinal de chuva, pela boca imitando a intensidade da chuva, o sinal de farinha também apresenta expressão facial na segunda configuração de mão que sugere colocar na boca e comer, sobre as expressões também temos o sinal pão com manteiga que sugere o movimento de passar manteiga no pão levando para a boca que faz força puxando com uma mordida no pão.

De modo que concordamos que uma língua emergente ou sinal-nome caseiro também corresponde ao elemento semântico em que podemos visualizar a cultura do trabalho, da vida doméstica e alimentação da família.

Confirmando a assertiva de (FERRAREZI JR., 2019, p. 111) quando diz que as línguas funcionam como “depósitos” naturais de conhecimento humano, de modo que na criação do sinal-nome, a pessoa surda também expressa o que ela sabe sobre o referente nomeado, de forma que, através da motivação e da iconicidade das línguas gestovisual e espacial, também é possível identificar os elementos da cultura.

AS ARTES DE DIZER DA PESSOA SURDA EM UMA FAMÍLIA DE OUVINTES

O estudo revela o pouco recurso que a família tinha para oportunizar a aquisição de uma língua de sinais na idade ideal e a pouca comunicação estabelecida com Josineide, tendo em vista que os familiares precisaram que a própria lhes repetisse o sinal corretamente, de modo que eles compreendiam quando Josineide sinalizava porém não sinalizavam da maneira de acordo com as configurações que eles representam, nesse sentido também podemos inferir que assim como existem os sotaques nas línguas orais, os ouvintes também apresentem sotaques na língua de sinais que além de ser uma outra língua também é outra modalidade linguística, sendo a língua portuguesa oral e auditiva e a libras gestovisual e espacial.

O trabalho também apresenta vários elementos educacionais a serem analisados, porém não pretendendo estender as análises a contextos amplos tendo em vista que a proposta da pesquisa está centrada no registro dos sinais caseiros.

Figura 3- Pão com manteiga



AS ARTES DE DIZER DA PESSOA SURDA EM UMA FAMÍLIA DE OUVINTES

Figura 4- Farinha

LIBRAS
FARINHA
 A nomeação revela costume familiar designando o referente pelo lugar onde está o objeto
 Estratégias para dizer o que quer, mostrando onde...
 Em cima do armário
Sinal caseiro



Figura 5- Chuva

CHUVA
 Uso da iconicidade próprio da cultura surda ao recriar com o corpo a imagem do referente
Sinal caseiro **LIBRAS**



Figura 7- Pai

Nomeação através de objetos de uso pessoal para designar a pessoa da família "formato do óculos"



Figura 8- Avô

Nomeação por característica física da pessoa da família "palpebra caída sobre o olho"



AS ARTES DE DIZER DA PESSOA SURDA EM UMA FAMÍLIA DE OUVINTES

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa se revelou muito importante para os estudos linguísticos do curso de Letras/Português em Guajará-Mirim, tendo em vista que as pessoas surdas recebem pouco ou nenhum estímulo para aquisição da língua de sinais na idade certa e também para olharmos com mais atenção para os surdos adultos que abandonaram os estudos pela falta de oportunidade e, com isso, continuam se comunicando através dos sinais caseiros que merecem um estatuto linguístico e registro posto que constituem léxicos capazes de revelar aspectos sociais e culturais da família, da história do sujeito e da comunidade envolvente.

Precisamos valorizar a comunicação de todos os surdos, que sabem ou não a Libras, uma vez que são sujeitos históricos e culturais, que para estabelecerem suas práticas sociais nomeiam e ao nomear significam, categorizam, descrevem com o corpo o objeto nomeado.

Esta pesquisa também busca conscientizar os educadores e futuros educadores para estarem atentos aos indivíduos que vivem em Guajará-Mirim como potencial humano para desenvolvimento de pesquisa visando o conhecimento científico aliado à ressignificação que valorize essas pessoas e suas capacidades intelectuais apesar das injustiças sociais presentes nos seus históricos de vida, como privação linguística, falta de atendimento educacional etc.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. Lexicologia, Terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 13-22.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia: objeto, métodos, campos de atuação e cooperação. **Anais do XXXIX Seminário do GEL**. Franca, UNIFRAN, 1991, p. 182-189.

BARROS, Mariângela Estelita. Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais – A Motivação dos Sinais-Nomes. **Revista RE-UNIR**, v. 5, nº 2, 2018, p. 40-62. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/RE-UNIR/article/view/3092> Acesso em: 02 abr 2021.

AS ARTES DE DIZER DA PESSOA SURDA EM UMA FAMÍLIA DE OUVINTES

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 191-200.

DICK, Maria Vicentina de Paula do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições do Arquivo do Estado, 1990.

FERRAREZI JR., Celso. **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERRAREZI JR., Celso. **Semântica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
 GESTALDO, Édison. **A família Scolari como todos nós** – questões de identidade brasileira na Copa de 2002. Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), Belo Horizonte: PUC, 2003.

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, Francisco. **O nome próprio**. Brasília: Editora UNB, 1991.

MENEZES, Ketlen Cristina dos Santos Oliveira. **Antroponímia em Libras**: análise dos sinais-nome atribuídos a ouvintes do curso de Letras Libras, da Universidade Federal do Acre. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras) – Licenciatura em Letras Libras, Centro de Educação, Letras e Artes. Rio Branco: UFAC, 2021.

PERNISS, Pamela. **Space and iconicity in German Sign Language (DGS)**, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2066/30937> Acesso em: 5 maio 2020.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e semântica lexical**: noções fundamentais. São Paulo: Contexto, 2018.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**/ Ronice Müller Quadros. –Porto Alegre: Artmed, 2002.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOUSA, Alexandre Melo de. Onomástica em Libras. *In*: SOUSA, Alexandre melo de; GARCIA, Rosane; SANTOS, Tatiane Castro dos (orgs.). **Perspectivas para o ensino de línguas**. v. 6. Rio Branco: EDUFAC, 2021, p. 8-22.

AS ARTES DE DIZER DA PESSOA SURDA EM UMA FAMÍLIA DE OUVINTES

SÁ, N. R. L. **Cultura, Poder e Educação de Surdos**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SERRANO, Francisco Perujo. **Pesquisar no labirinto: a tese de doutorado, um desafio possível; tradução**: Marcos Marcionilo – São Paulo: Parábola Editorial 2011.
SOUSA, Alexandre Melo de. **Toponímia em Libras**. Relatório de pesquisa de pós-doutoramento em Linguística Aplicada/Libras. Florianópolis: UFSC, 2017.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Toponímia em Libras**: pesquisa, ensino, interdisciplinaridade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019.

SOUSA, Alexandre Melo de; OLIVEIRA, Gláucia Caroline Silva de; GONÇALVES-

FILHO, José Sinésio Torres; QUADROS, Ronice Müller de. Antroponímia em língua de sinais: os sinais-nome em Florianópolis-SC, Brasil. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 26, p. 112-124. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2598>. Acesso em: 6 abr. 2022.

TAUB, Sarah. **Language from the body: iconicity and metaphor in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.
TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

XAVIER, André Nogueira. Panorama da variação sociolinguística em línguas sinalizadas. **Revista Claraboia**. Jacarezinho/PR, v.12, p. 48-67, jul./dez, 2019. Disponível em: <http://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/1538/pdf>
Acesso em: 30 de abr. 2022